

A EXPERIÊNCIA DE DEUS EM FRANCISCO DE ASSIS

O Concílio Vaticano II vem nos lembrar que: “a razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus”¹. Nesse sentido, Francisco fez uma experiência bem singular. Ele, antes de ser um amante da Senhora Pobreza, um cantor da beleza da criação, um frade menor, teve uma experiência profunda de Deus, como nos atestam os *Escritos*². Entre as primeiras biografias se encontram numerosas afirmações que centralizam essa experiência de Francisco como experiência profunda de Deus. De fato, é definido como “soldado de Cristo”³, o homem de Deus”⁴, “o homem santo”⁵, “o servo de Cristo”⁶. Nos seus *Escritos*, podemos colher o conceito de Deus que Francisco teve, não conceito filosófico ou científico, mas de um Deus de Jesus Cristo, o Deus da Revelação e o Deus da Sagrada Escritura⁷. Seus atributos: o Deus altíssimo, o santo e onipotente, o sumo bem e a plenitude do bem, Deus caridade, Deus Pai, Deus vivo e verdadeiro.

I. CONCEITOS E ATRIBUTOS DE DEUS EM FRANCISCO

1. Deus altíssimo e onipotente⁸

O Deus de Francisco é um ser transcendente e que *habita numa luz inacessível*⁹, que é *sem início e sem fim imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, inescrutável*¹⁰. Para expressar essa grandeza de Deus ele usa uma série de termos, nomes, adjetivos e advérbios. Usa frequentemente os termos como *alto* e *altíssimo*, ulteriormente reforçando pelo advérbio “só” para mostrar a majestade divina¹¹. É interessante ver como a sua primeira oração - diante do Crucificado - e a última, aquela do Cântico do Irmão sol, começa com a mesma afirmação: *Altíssimo e glorioso Deus* (OC) *Altíssimo, onipotente, bom Senhor* (CIS). Francisco usa muitas vezes a palavra “altíssimo” como sinônimo de Deus mesmo.

Diante da grandeza e poderio de Deus Francisco sente-se como um impotente instrumento: *E devolvamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e sumo e reconhecamos que todos os bens são dele e demos graças por tudo a ele, de quem todos os bens procedem. 18 E o mesmo altíssimo e sumo, o único verdadeiro Deus tenha e lhe*

¹ GE, 9.

² 2CtC.

³ 1C 7.

⁴ 1C 13,2C94,LTC 32, B (74 vezes). Refr. F.Uribe, *Francesco di Bonaventura*, Assisi 2003.

⁵ 1B 6,10.

⁶ 1B7,10.

⁷ Ref. E.Covi, *Il Dio di Francesco e dell'uomo moderno*, in *Esperienza di Dio in Francesco d'Assisi*, a cura di E. Covi, Roma, 1982, 82.

⁸ É interessante ver como Francisco vê Deus que está em cima da “montanha” da sociedade, pensamento talvez influenciado da estrutura social da sua época!

⁹ Ad 1,5.

¹⁰ RNB 23.

¹¹ OC ;CO 6;CIS;RNB 17;LDA;2CF.

sejam tributadas todas as honras e reverências, todos os louvores e bênçãos, todas as graças e glória, de quem é todo bem, o único que é bom (cfr. Lc 18,19).¹² Francisco usa bastante outros termos como “Sumo”, “Eterno”, “Glorioso”, “Onipotente” etc.¹³ Francisco não cansa de usar também alguns termos sujeitos às mudanças sociais e políticos que são: o Rei do Céu e da terra; o Rei onipotente¹⁴; Altíssimo sumo Rei, Grande Imperador¹⁵.

A visão de Francisco sobre Deus altíssimo pode ter sido amadurecida e influenciada depois do encontro com Senhor através da *visão do palácio* em Espoleto¹⁶. Em seguida, a voz que escutou no sonho perguntando-lhe: *Quem te pode fazer melhor? O Senhor ou o servo? E ao responder-lhe o Senhor, disse-lhe de novo: “Porque, pois, deixas o Senhor pelo servo e o príncipe pelo vassalo?”*¹⁷

2. Deus Santo, Santíssimo

Francisco usa, muitas vezes, também um outro termo para expressar a grandeza de Deus, a expressão que existe nas religiosidades dos povos: Deus é “*santo*”, “*Santíssimo*” e “*só santo*”¹⁸. Francisco compilou os Louvores preparando-se espiritualmente para a oração e por isso rezava antes das Horas canônicas – ou seja em todas as horas do dia e da noite - e antes do Ofício da Nossa Senhora. Com a triplice invocação de “santo” começava a sua oração.

O fato de que Francisco, rezando a Deus, *repeti com ardor místico, num ritmo quase litânico, os adjetivos: “Onipotente, Altíssimo, Santíssimo”* comprova que a sua imagem psicológica de Deus comportava uma linguagem *majestosa e excelsa*. Deus está além de tudo e acima de tudo, sendo totalmente o outro, o Primeiro, sem par, de quem todas as criaturas são separadas por uma distancia infinita. Essa imagem de Deus grande, potente, alto, pode ser inspirado pela meditação da Sagrada Escritura e sobretudo dos Salmos.

Note-se que a transcendência de Deus para Francisco expressar-nos termos “Altíssimo, Santo, Onipotente” etc. vem redimensionada pelos acréscimo de outros termos, o seu amor paterno, bondade, perdão etc., para mostrar a presença imanente de Deus. Dele, do Altíssimo, do Santo, provem todo o bem, toda a graça, todo perdão.

3. Deus, o Sumo bem, a Caridade

Entre os conceitos pessoais de Francisco, alguns são profundos como “o bem, o bem essencial”, que é Deus, sejam os bens comunicados a uma pessoa, ou aqueles derramados para toda criação. Não somente contempla a plenitude do bem que está em

¹² RNB 17.

¹³ EPN; RNB 23; OC; LH; LDA.

¹⁴ RNB 23.

¹⁵ FVC; 2C 106.

¹⁶ LTC 5.

¹⁷ LTC 6.

¹⁸ 2CF;RNB 23;SVM.

Deus, mas alegra-se em descobrir que aquele mesmo bem está também presente em cada irmão e irmã. contido em toda a criação, quanto cada um tem de bom e de amável, consciente, contudo, que tudo proceda de uma única fonte que é o sumo bem. Aparece assim o refrão muito caro a Francisco: *17E devolvamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e Sumo. E reconheçamos que todos os bens são dele e demos graças por tudo a ele, de quem todos os bens procedem.*¹⁹

E ainda: *Nada mais, portanto, desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade e deleite a não ser o Criador e Redentor e Salvador nosso, único verdadeiro Deus, que é o pleno bem, todo bem, o bem inteiro, verdadeiro e sumo bem, que só ele é bom (cfr. Lc 18,19), manso, suave e doce, que só ele é santo, justo, verdadeiro, santo e reto, que só ele é benigno, inocente, puro; de quem e por quem e em quem (cfr. Rm 11,36) é todo perdão, toda graça, toda glória de todos os penitentes e justos, de todos os bem-aventurados que gozam juntos no céu*²⁰.

E na exposição do Pai nosso, diz assim:

*Que estás nos Céus: nos anjos e nos santos... Tu, senhor, és amor: neles habitando e os plenificando para a bem-aventurança, porque, Tu, senhor, és o sumo bem eterno, do qual procede todo o bem, sem o qual nenhum bem existe.*²¹

Os Louvores para todas as Horas terminam:

*Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus, que és todo o bem, o sumo bem, o bem inteiro, o único bem, a Ti rendamos todo o louvor, toda a glória...*²²

Os Louvores de Deus altíssimo: *Tu és o bem, todo o bem, o sumo bem*²³

Todo esse pensamento de Francisco deve ser fruto da meditação da Palavra e sobretudo dos Salmos. Sem dúvida, deveria ser bem caro a Francisco o salmo: *“Confitemini Domino, quoniam bônus”*²⁴ e a exclamação que o salmista faz de continuo exaltando a bondade divina: *Quam bônus Israel Deus!*²⁵

Outro texto que também o influenciou deve ser aquele, lido por Francisco junto com os primeiros confrades, Bernardo e Pedro, na Igreja de São Nicolau, durante a primavera de 1208. Trata-se do trecho de Mt 19,16-26 onde Cristo diz ao jovem rico: *“porque interrogues sobre o que é bom? Um só é bom, o Senhor”!*

Esses textos fizeram ecoar em Francisco uma série de atribuições crescentes sobre Deus, o Altíssimo, o Sumo Bem, todo o bem e o único bem. Deus é o bem na sua

¹⁹ RNB 17.

²⁰ RNB 23.

²¹ EPN 2.

²² LH oração.

²³ LDA 3.

²⁴ Sal. 105,1; 106,1;117,1;135,1; Dn 3,89.

²⁵ Sal. 72,1;118,68.

expressão verdadeira e plena; uma bondade infinita, fonte donde nasce qualquer outro bem, inclusive qualquer manifestação de bondade nos seres criados!²⁶.

Deus é bom e por isso Deus é caridade! Não se trata de um Deus filosófico como princípio de todo bem. Deus, sendo o Sumo Bem torna-se ao mesmo tempo Amor e Caridade. A bondade absoluta postula uma bondade relacionada e dinâmica. Postula a relação com o homem, com os seres criados, pois, o bem é *difusivum sui*. A sua natureza está no comunicar-se. Francisco chega a exclamar “*Tu és caridade, amor*”²⁷. Segundo a intuição surpreendente de um homem privo de cultura teológica verdadeira e própria, Francisco vê a íntima natureza de Deus no seu ser caridade pessoal e reconduz para ela como para uma fonte com todo efeito positivo das criaturas. Cada manifestação dos seres viventes e cada sinal de Deus nos fala do seu amor eterno. Por isso cada ação, cada missão ou atividade dos frades torna-se ressonância do amor divino. É nesse sentido que Francisco faz a exortação aos seus frades: “*o amor daquele que tanto nos amou tem que ser muito amado*”²⁸.

Esse “fervor de caridade” reaviva toda sua piedade, a sua relação com Jesus Cristo, a sua devoção para com Maria, a sua ternura para com os homens e a sua atitude de “irmão” para com todas as criaturas.

4. Deus Pai:

Francisco descobre outra dimensão da bondade de Deus, o conceito da paternidade: Deus é *Pai*²⁹, é *meu pai*³⁰, é *nosso pai*³¹, confirma Francisco. Nos seus *Escritos* Francisco chama a Deus “Pai” cerca de 89 vezes. Esta paternidade divina Francisco experimentou desde o início da sua conversão quando na renúncia dos bens paternos, diante do bispo, diz: “*a partir de agora quero dizer: Pai nosso que estás no céu e não mais pai Pedro de Bernardone*”³². Este nome “pai” Francisco quis referir unicamente a Deus-Pai e, repetindo as mesmas palavras de Jesus ele dizia aos seus frades: “*33 Todos vós sois irmãos; 34 e não chameis pai entre vós sobre a terra, pois um só é o vosso Pai, que está nos céus*”³³. Francisco amava tanto usar esta palavra “pai” que chegou a substituir, nos Salmos da Paixão, cerca de 14 vezes os termos “Deus”, “Deus meu”, “Domine”, por “Pai santo”, “meu Pai” e “Pai santíssimo”.

Ao exemplo de Cristo, quando os frades pediram-lhe que os ensinasse a rezar Francisco respondeu-lhes: *quando orardes, dizeis: “Pai nosso”*³⁴. Na RNB, Francisco recomenda os seus irmãos não clérigos a recitar, em lugar das Horas canônicas 76 Pai nosso por dia:

²⁶ 2C 165.

²⁷ LDA 6.

²⁸ 2C 196.

²⁹ Am 1; RNB 22; 2CF 9.

³⁰ OP .

³¹ EPN.

³² LTC 20.

³³ RNB 23.

³⁴ 1C 45.

*Mas aos outros que não sabem letras não seja permitido ter livro. Os leigos digam o Credo in Deum e vinte e quatro Pater noster com Gloria Patri pelas matinas; e por laudes, cinco; por prima Credo in Deum e sete Pater noster com Gloria Patri; por sexta e noa e cada hora sete, por vésperas doze; por completas Credo in Deum e sete Pater noster com Gloria Patri; pelos mortos sete Pater noster com requiem aeternam; e pelos defeitos e negligências dos frades três Pater noster todos os dias*³⁵. Convida também a todos os fiéis para louvar o Senhor com a mesma oração³⁶. enfim, da sua boca saía muitas vezes esta exclamação belíssima e cheia de afeto: “*Oh, quão glorioso, santo e grande ter nos céus um Pai*”³⁷.

5. Deus “vivo e verdadeiro”, onipresença operante.

Ainda outro binônimo, aplicado com o qual Francisco amava chamar Deus, diretamente no Testamento 1,9; “*para servir a Deus vivo e verdadeiro*”; Talvez influenciado pelo Cãnone Romano, onde ocorre muitas vezes a expressão “Deus vivo e verdadeiro”. Na visão de Francisco, o Deus “*bem*” é um Deus *vivo e verdadeiro*, o qual se revela ao homem na sua *Trindade e unidade*, Padre e Filho e Espírito Santo. Deus possui a vida e verdade na sua plenitude das quais participa aquele a quem se abre para sua irradiação. Deus, para Francisco, não é um conceito abstrato, sem relacionamento com as realidades pessoais ou uma idéia exânime, evanescente, mas, ponto entorno do qual gravita toda vida.

O Deus *vivo e verdadeiro* se manifesta, segundo Francisco, no próprio ser e agir. Ele contempla essa verdade de Deus nas expressões:

*Opera maravilhas e coisas grandes*³⁸, *cria o homem, o ama*³⁹, *lhe fala*⁴⁰, *se humilha na encarnação*⁴¹, *ilumina e inflama*⁴², *satisfaz as aspirações humanas*⁴³, *ajuda com sua graça*⁴⁴, *habita nos corações humanos*⁴⁵, *é presente entre os fiéis*⁴⁶, *os gratifica com seus dons*⁴⁷, *oferece a suma sabedoria*⁴⁸, *a vida eterna*⁴⁹, *a fé*⁵⁰, *faz o bem*⁵¹, *recompensa e retribui*⁵², *coroa aqueles que suporta*

³⁵ RNB 3,5-14.

³⁶ 2CF 21.

³⁷ 2CF 54.

³⁸ RNB 23,11.26.

³⁹ RNB23, 25.5.

⁴⁰ CO 43.

⁴¹ Ad 1,16.

⁴² EPN 2-3.

⁴³ RNB 23,27-28.

⁴⁴ CO 64.

⁴⁵ RNB 22,27; 2CF 53; EPN 4.

⁴⁶ Ad 1,22.

⁴⁷ RNB 11,1; 2CF 61; CO 54,62.

⁴⁸ Ad 5,6.

⁴⁹ Ad 6,3.

⁵⁰ 2T 5,8.

⁵¹ RNB 17,6; Ad 2,3; Ad 8,3.

⁵² 2CF 31.

*na paz as tribulações*⁵³, *libera do mal*⁵⁴, *perdoa os pecados*⁵⁵, *desce nas mãos dos sacerdotes*⁵⁶, *os honra*⁵⁷.

A respeito da intervenção de Deus, a sua presença na vida pessoal de Francisco bastaria ler somente o seu Testamento: Deus lhe concede de fazer a penitência. Conduze-o aos leprosos, lhe dá a fé nos sacerdotes, lhe dá os Irmãos, lhe revela que deve viver segundo o Evangelho, lhe revela como saudar.

Esses elementos, acima mencionados, seriam suficientes para entendermos quão grande foi a fé de Francisco na onipresença operante de Deus. Dai nasce a sua incontável confiança na Providência divina. Deus é a sua luz, a sua força, o seu refugio, como canta o salmista no seu Ofício da Paixão. Assim quando enviava os seus frades para anunciar e fazer a penitencia ou para seguir a obediência, era muito frequente repetir o versículo 23 do Salmo 54:

“Depõe no Senhor os teus cuidados, porque ele será teu sustentáculo; não permitirá jamais que vacile o justo”!

II. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS:

Francisco nunca fez um discurso teológico. Suas afirmações são frutos da longa experiência mística, da meditação da Palavra, dos salmos, dos textos litúrgicos e das expressões cotidianas do seu tempo, contudo, ele tinha uma visão clara e precisa de Deus.

1. Deus transcendente e imanente:

O Deus de Francisco, que opera e intervém na vida dele e no mundo criado, não é o Motor Imóvel ou a Causa Primeira, mas é Deus Pai. Francisco, qual místico, vive este mistério de maneira bem pessoal, profunda e única. Por sua lógica dedução do postulado teológico da *paternidade*, chega a chamar até o mundo não vivente *irmão e irmã*; os animais, as plantas, os seres cósmicos e a mesma morte. Trata-se de um relacionamento dialogal, quase num nível de paridade: *Deus me revelou, Deus me conduziu, Deus me deu, o Senhor me concedeu* são expressões que claramente exprimem o relacionamento imediato de Deus com a pessoa profundamente mística.

Também no nível conceitual, nota-se que Francisco usa uma certa liberdade ao denominar as operações divinas. Trata-se, num certo sentido, de operações anômalas, não sempre comuns nos documentos magistrais oficiais, “inocente”, “amável”, “beleza”, “mansidão”, “refrigério” etc.

⁵³ CIS 11.

⁵⁴ EPN 19-20.

⁵⁵ RNB23,30

⁵⁶ Ad 1,18.

⁵⁷ CO 31.

O Deus de Francisco é um Deus que garante ao homem a sua dignidade e o valoriza ao máximo. Deus-plenitude que, como totalidade do bem, a plenitude do bem e o sumo bem, não pode não ser desejável sobre todas as coisas.

2. Cristocentrismo e visão trinitária de Deus⁵⁸

De maneira sumária, podemos dizer que, enquanto os *Escritos* de Francisco documentam uma imagem fundamentalmente trinitária de Deus, muitos textos biográficos insistem sobre uma leitura cristocêntrica da experiência de Francisco. Certamente, não se podem contrapor estas duas opiniões. O Deus de Francisco é o Deus cristão: Pai, Filho e Espírito Santo onde e o Filho se fez homem para a nossa salvação.

A visão que vem dos *Escritos* é um itinerário claramente trinitário onde o Espírito que ilumina, purifica e ascende *o coração dos fieis para fazer-lhes seguir os vestígios do Filho, o Senhor Jesus Cristo*, e assim *chegar ao Altíssimo, que vive na Trindade perfeita e na Unidade simples*⁵⁹. Podemos ainda, citar outro fragmento onde *o Espírito do Senhor repousa nos fiéis e faz deles a própria habitação e morada; os faz filhos do Pai celeste, cujas obras fazem. E são esposos, irmãos, mães do nosso Senhor Jesus Cristo*⁶⁰. Assim, segundo Francisco - mas também segundo Clara, que usa frequentemente essa imagem -, ao homem é aberto o acesso á intimidade com Ele e o parentesco divino é expresso através das imagens de filhos, esposos, irmãos e mães.

Como falamos, ao lado dos *Escritos*, os textos biográficos sublinham fortemente o caráter estreitamente cristocêntrico da experiência de Francisco. Podemos ver isso começando desde o primeiro biógrafo. Quando chegamos a Boaventura, ele nos mostra o cume da configuração de Francisco com Cristo. O doutor seráfico relê toda sua experiência como um caminho para os estigmas, expressando assim, de maneira até física, o segredo de Francisco, a sua total conformidade com Cristo, para chegar a chamá-lo: *alter Christus*. Tal pensamento depois se desenvolverá amplamente nas interpretações excessivas de Bartolomeu de Pisa, no *De Conformitate*. Depois, quase todas as biografias retomaram a mesma imagem, apresentando-o como o santo do presépio e dos estigmas, totalmente concentrado nos mistérios da vida de Cristo⁶¹.

Concluindo tudo o que falamos, se queremos confirmar o conceito de Deus em Francisco, não podemos esquecer que o Santo não tinha *uma idéia* de Deus, teve porém, a *experiência* de Deus. A idéia, foi fruto da sua experiência profunda com Deus. E, tal experiência foi sobretudo, concedida pelo Espírito! Ele teve, desde sempre, *o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar*⁶². Este mesmo Espírito permitiu a Francisco *seguir a doutrina e os vestígios do Senhor Jesus Cristo*⁶³, e transformou seus olhos em

⁵⁸ Ref. C.Vaiani, *Teologia e Fonti francescane*, Milano 2006, 60-66.

⁵⁹ ICO 50-52.

⁶⁰ 2CF 48-49.

⁶¹ Ref. Vaiani, *Teologia e Fonti Francescani*, 64-66.

⁶² RB 10,9.

⁶³ RNB 1,1.

olhos espirituais, capazes de *ver e crer*. Por isso, ele reconheceu que tudo vem dele, *Altissimo, porta significatione*⁶⁴.

III. APROFUNDAMENTOS DE ALGUNS LOUVORES E ORAÇÕES

1. Bilhete a frei Leão

O conhecido “**Bilhete a frei Leão**” contem os *Louvores de Deus Altíssimo* e a *Bênção a Frei Leão*. Os dois encontram-se no mesmo pergaminho, frente e verso, com a letra original de Francisco, guardado atualmente na basílica de Assis, desde 1338, aproximadamente.

É uma sorte que dois ou três autógrafos de Francisco tenham chegado até nós como saíram de suas mãos: o *Bilhete a frei Leão* (LD e BL) preservado na Igreja inferior da Basílica São Francisco em Assis, como já disse no parágrafo anterior, e a *Carta a frei Leão*⁶⁵ mantida na catedral de Espoleto. Considerando a *Bênção a Frei Leão* e *Louvores de Deus Altíssimo* como dois escritos distintos, porém escritos nos dois lados de um mesmo pergaminho, alguns autores falam de três autógrafos: BL, LD e CL. É significativo, no entanto, que a preservação das duas peças - uma pequena medida de pergaminho - dimana até nós somente pelo zelo que frei Leão, secretário, confidente e confessor de Francisco teve em custodiar esses escritos tão importantes para nós franciscanos; onde nós podemos conhecer e ter acesso a sua caligrafia, o seu nível de conhecimento etc. A partir de então, frei Leão passou a ser conhecido como o primeiro arquivista da Ordem. O seu hábito foi o primeiro arquivo, pois trouxe com ele as Cártulas até sua morte em 1271. Todos os estudos sobre a capacidade e a forma de escrever de Francisco devem começar a partir desses autógrafos.

Nesses escritos o nome de frei Leão é **traçado por um Tau no meio** saindo da boca de um crânio. O texto é escrito em latim pelas mãos do próprio Francisco. Como se vê nas imagens seguintes, tem duas caligrafias diferentes, uma maior e menos culta, escrita em cor preta e outra menor que é escrita em tinta vermelha. Essa caligrafia em cor vermelha são as rubricas que frei Leão fez na Cártula, onde dá para ver o nome de

⁶⁴ CIS 4.

⁶⁵ Está conservada na catedral de Espoleto, em um pergaminho autógrafo. Não há manuscritos que a tenham copiado. A primeira cópia conhecida é de 1604, quando levaram o pergaminho para comparar com o do *Bilhete a frei Leão*, que contém a *Bênção* e os *Louvores a Deus Altíssimo*. Wadding copiou-a em 1623. Não há dúvida quanto à autenticidade: é bem o estilo de Francisco, numa linguagem bastante incorreta. Mas fala ao coração, "como uma mãe". Parece que, durante séculos, esse texto foi usado como uma relíquia, para dar bênçãos. Em 1860, quando foi supresso o convento dos conventuais em Espoleto, onde era guardada, passou para a catedral. Um pároco, em 1895 queria vendê-la aos americanos. Fallocci Pulignani levou a questão ao Papa Leão XIII, que deu uma pensão anual de 200 liras ao pároco para ficar com a relíquia no Vaticano. Depois, deu-a de novo à catedral de Espoleto. A datada Carta é insegura, provavelmente antes de 1218, porque nos últimos anos frei Leão estava quase sempre perto de Francisco e os dois não precisavam se comunicar por carta.

frei Leão atestando que o autógrafo foi escrito pessoalmente, endereçado para ele, com o local e as circunstâncias em foi escrito.

1.1 Louvores a Deus Altíssimo



Deus.

É uma oração de louvor à Santíssima Trindade, na linguagem afetiva e feita em forma litânica. Os “Louvores a Deus Altíssimo”, autógrafo, pode ser considerado como a canção de Deus, fruto da experiência mística do Alverne. Remonta a Setembro de 1224, após a impressão dos estigmas, como indicado no título do autógrafo, deles também fala o Celano (II Cel. 49). Nessa oração, Francisco usa bastantes adjetivos para mostrar a transcendência de

Como vimos acima esse hino sublime de louvores ao Altíssimo surge num momento excepcional da vida de Francisco: a estigmatização. Frei Leão, no verso do pergaminho, conta assim a sua origem:

Dois anos antes da sua morte, o bem-aventurado Francisco fez no Monte Alverne uma quaresma em honra da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e do bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, desde a festa da Assunção da Santa Virgem Maria até à de Setembro de S. Miguel Arcanjo. E o Senhor pousou a sua mão sobre ele. Depois da visão e das palavras do Serafim, e da impressão no seu corpo das chagas de Cristo, compôs estes louvores que estão no outro lado desta folha, os quais escreveu de sua própria mão, dando graças a Deus pelo benefício que lhe tinha feito.

Celano acrescenta algo mais. Um dos companheiros de Francisco – sem dúvida o mesmo frei Leão – estando o Santo no Monte Alverne, retirado em sua cela, muito desejava ter um escrito com palavras do Senhor, brevemente anotado por Francisco. Persuadira-se de que a grande tentação de espírito em que andava com isso se dissiparia, ou, ao menos, seria mais fácil de suportar; mas, não obstante assim pensar, não se atrevia a abrir-se com o Santo. Ora, um dia, Francisco chamou-o para lhe dizer. “Traz-me pergaminho e pena, que quero escrever as palavras do Senhor e Seus louvores, que em meu coração meditei”. Satisfeito o pedido, escreveu o Santo, de sua mão, os louvores de Deus e, ao fim, a bênção para o irmão, a quem disse:

Pega neste escrito e guarda-o com cuidado até ao dia da tua morte. E logo, naquele instante, sentiu o irmão que se lhe dissipou a tentação⁶⁶.

Esse gesto de humana delicadeza juntamente com a densidade religiosa do momento ajuda a sondar a riqueza de cada palavra desse “Te Deum Laudamus”. É uma girândola de louvores, parecendo ao mesmo tempo denunciar, precisamente pela insistência repetitiva dos louvores, que a palavra era incapaz de exprimir a exuberância

⁶⁶ 2C 49.

do coração. Francisco está todo voltado para Deus. Não faz senão louvá-lo. Não há um movimento sequer em que o Santo volte sobre si mesmo, como seria, por exemplo, uma palavra de petição ou de propiciação. O “*Tu*” divino é só fascinação. Prendeu-o por completo. Francisco está encandeado pelo seu Senhor; “Senhor, Tu és Santo. Tu és todo o bem⁶⁷”. Quando no mesmo escrito ele diz: “Tu fazes coisas maravilhosas”, Francisco se refere aos estigmas.

1.2 Bênção a frei Leão



O contexto histórico está no 2 Cel 49 e 1B 9,9.

A "Bênção a frei Leão" está localizada no mesmo pergaminho manuscrito que contém os louvores de Deus Altíssimo. O conteúdo da mesma é uma adaptação de Nm 6,24-26. Na mesma face em que deu a informação sobre os “Louvores”, a meia página, frei Leão acrescenta:

O bem-aventurado Francisco escreveu esta bênção de seu próprio punho para mim, frei Leão.

Debaixo dessa nota, ocupando a parte inferior do pergaminho, destaca-se um Tau⁶⁸ e, à direita, vem a bênção, para a qual Francisco se serviu das palavras com que o sumo sacerdote Aarão devia abençoar os filhos de Israel⁶⁹. Sob o traço vertical do Tau há um desenho que parece uma cabeça; e, no bordo inferior, mais uma nota de frei Leão:

Também de seu punho fez o sinal Tau e a cabeça.

A cabeça seria um símbolo para completar a alusão ao Ap. 7, 3, onde os eleitos são assinalados na cabeça com o Tau. Afirmava assim, que frei Leão era um desses eleitos. Boaventura nos mostra como foi a missão de Francisco, assinalador do Tau, na frente dos homens, que gemem e choram, convertidos verdadeiramente para Cristo Jesus⁷⁰.

2. NÓS VOS ADORAMOS ... aqui e em todas as vossas Igrejas que estão no mundo inteiro.

(Test.4-5): A oração é autêntica porque é escrito no Testamento. Uma coisa a observar: No tempo de Francisco, a Igreja celebrava 3 vezes por ano a festa da santa Cruz:

⁶⁷ «Um Te Deum, como outro jamais tinha sido cantado». G. SCHNURER, *Franz von Assisi*, Munique 1967, p. 113.

⁶⁸ Francisco usou muito o Tau. Usava-o nas suas cartas como carimbo e pintava-o nas paredes das capelas. Assim se foi impondo como sinal dos Frades Menores, como já assinala 3C 3 e 159. A simbólica do Tau baseia-se em Ez 9, 4-6: Só não mateis os indivíduos marcados com o tau, que tem reflexos em Ap. 7, 3: Não prejudiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores! Primeiro vamos marcar a frente dos servos do nosso Deus.

⁶⁹ Nm 6, 4.

⁷⁰ 1B 0,2.

- a) Sexta-feira Santa
- b) Invenção da Cruz: a cruz foi encontrada por Santa Elena, mãe de Constantino, dia 03 de maio;
- c) A Exaltação da Santa Cruz , no dia 14 de setembro.

A segunda coisa a observar é que, no tempo de Francisco as orações canônicas eram compostas na seguinte forma:

- Noturno: 3 leituras; 3 antífonas e 3 leituras
- Noturno: 3 salmos; 3 antífonas e 3 leituras
- Noturno: 3 salmos; 3 antífonas e 3 leituras

No total 3 noturnos: 3 leituras por cada noturno.

Essa oração “Nos vos adoramos” com certeza foi esculpida no coração de Francisco no dia da festa da Exaltação da Santa Cruz. Por isso não é autêntica, mas ele ajuntou alguma coisa que é próprio, e a oração passa a ser original, embora não seja autêntica: “*aqui e em todas as igrejas que estão no mundo inteiro*”; com esta ajunta bem original, Francisco coloca a dimensão eclesial.

Ir. Joice Korattiyil